

## **DEBATENDO RAÇA, ETNIA E PRECONCEITOS COM ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL LINDA S. BACILA EM PONTA GROSSA - PR**

Matheus Henrique Krepel <sup>1</sup>  
Larissa Jandrey Fraitag <sup>2</sup>  
Fábio Eduardo Santana da Silva <sup>3</sup>  
Michele Rotta Telles <sup>4</sup>  
Angela Ribeiro Ferreira <sup>5</sup>

O seguinte Relato de Experiência discorre sobre uma atividade desenvolvida com alunos do nono ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Linda Salamuni Bacila em Ponta Grossa - PR, fazendo parte das atividades e atuações dos estagiários bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

A atividade se trata de uma série de dinâmicas sobre os conceitos humanos de cor, raça e etnia, passando por teorias raciais do século XIX, seus desdobramentos no holocausto nazista do século XX, além de ramificações atuais de preconceitos latentes da sociedade contemporânea. A possibilidade para tais trabalhos se deu pela visita dos alunos do nono ano ao Museu de Ciências Naturais da UEPG (MCN), acompanhada pelos bolsistas do PIBID, cuja exposição sobre a evolução humana permitiu um diálogo interdisciplinar entre paradigmas biológicos e seus desdobramentos em processos históricos: mais especificamente, em relação a ascensão do nazifascismo e a Segunda Guerra Mundial, conteúdos que estavam sendo trabalhados em sala de aula, concomitantemente às atividades aqui discutidas.

Uma das possíveis abordagens do ensino de História, em sua capacidade de elucidar processos de conexão, mudanças e permanências, é a compreensão sobre a ligação entre as descobertas científicas do século XIX e os inúmeros preconceitos enraizados em nossa sociedade atual. A efervescência dos vários estudos da chamada História Natural, coroados pela publicação, em 1859, de “A Origem das Espécies” de Charles Darwin, deu-se em um período marcado pela intensa exploração imperialista da Ásia e da África por parte das potências europeias, além da manutenção de regimes escravocratas nas Américas e de políticas conservadoras na Europa pós Congresso de Viena.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR, [matheuskrepel@gmail.com](mailto:matheuskrepel@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de História da UEPG - PR, [larissajandreyf@gmail.com](mailto:larissajandreyf@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de História da UEPG - PR, [fabioeduardosantanadasilva900@gmail.com](mailto:fabioeduardosantanadasilva900@gmail.com);

<sup>4</sup> Mestra, Professora do Colégio Estadual Linda Salamuni Bacila, [myshytelles@gmail.com](mailto:myshytelles@gmail.com);

<sup>5</sup> Professora orientadora: Doutora em Educação, Curso de História - UEPG, [angelarf@uepg.br](mailto:angelarf@uepg.br).

Como colocado por Bethencourt (2018), essas conjunturas de desigualdade, dominação e exploração fizeram com que a noção de uma desigualdade natural entre seres humanos fosse cientificizada para justificar a manutenção do *status quo* político e social. Dessa forma, explicações para as variações físicas e morfológicas dos seres humanos se transformaram em hierarquizações entre raças ditas superiores e inferiores. Esse rol de trabalhos do racismo científico formou a base ideológica dos regimes fascistas do século XX, estando intrinsecamente ligados aos genocídios ocorridos no período.

Para elucidar esses processos, consideramos pertinente trabalhar com os alunos tanto uma definição de “raça” quanto de “etnia”. Para tanto, utilizamos o termo raça em sua concepção contemporânea: como uma categorização humana construída socialmente, não sendo considerada um fato biológico (BOYD; SILK, 2018). Isso o aproxima, de certa forma, da definição de etnia, que engloba não apenas características físicas, mas também elementos culturais, históricos e sociais para possíveis categorizações de grupos humanos (PEOPLES; BAILEY, 2012). Além disso, exemplificamos para os alunos a diversidade de concepções para os agrupamentos humanos ao comparar as noções de etnicidade nos Estados Unidos em relação à América Latina, bem como trazendo o conceito da autodeclaração de cor e raça do IBGE no Brasil.

A metodologia para a realização dos trabalhos se deu a partir de três momentos: uma apresentação oral, embasada nos aspectos teóricos apresentados anteriormente, feita com o auxílio de uma apresentação de slides com elementos visuais e textuais; em um segundo momento, uma atividade escrita na qual os alunos colocaram em palavras suas próprias visões sobre raça e etnia; e, por fim, uma terceira atividade na qual os alunos organizados em duplas receberam inúmeras frases de cunho preconceituoso, debatendo sobre o tema entre si e escrevendo mais uma vez suas visões e reflexões sobre os preconceitos em questão. Além disso, os materiais escritos produzidos no decorrer desse processo foram colocados em dois cartazes afixados na sala de aula, intitulados “Raça e Etnia: o que é?” e “Onde está o preconceito?”.

Em um primeiro momento, realizamos uma discussão expositiva a fim de detalhar e rever o que foi apresentado a eles no Museu de Ciências Naturais, incluindo detalhes interdisciplinares da evolução humana e do evolucionismo, passando por uma reflexão sobre questionamentos como “se o ser humano veio do macaco, por que ainda existem macacos?” entre outros tópicos para melhor situá-los.

Em seguida, antes de trazermos uma adaptação dos conceitos científicos atuais, os estudantes receberam papéis e canetas para que descrevessem suas próprias concepções de

raça e etnia, deixando em aberto para que decidissem se ambos eram equivalentes ou possuíam distinção. Correspondendo às expectativas, os alunos escreveram em seus papéis sobre diferentes aspectos culturais entre grupos humanos, exemplificando em alguns momentos as diferenças do Brasil e do Oriente, e apontando os diferentes aspectos físicos das pessoas (cabelo, cor da pele e olhos, etc.) como fator de diferenciação. Em alguns casos também foi inserido a temática e conceituação de família para explicar a raça. Poucos alunos escolheram diferenciar explicitamente raça e etnia, optando, de maneira geral, por conceituar somente um dos termos.

Em seguida, discutimos os conceitos de raça e etnia em definições contemporâneas, intercalando a exposição oral com a participação ativa dos alunos. Além disso, debatemos as hipóteses do campo biológico para as diferentes características físicas existentes, abordando como nossas morfologias se moldaram através das necessidades de cada ambiente, detalhando com maior ênfase as características com as quais os alunos da sala poderiam vir a se identificar, apontando aspectos físicos que eram mais necessários em climas tropicais e quentes como a África (pele e olhos escuros, cabelo crespo, etc.) e também dos climas frios e úmidos da Europa (pele e olhos claros, cabelo liso, entre outros).

Ainda neste momento, passamos a abordar algumas das teorias raciais modernas, trabalhando com os alunos o que as teorias tentavam explicar e o que seus autores desejavam alcançar no campo científico. Iniciamos abordando aspectos gerais da Teoria da Evolução de Darwin, seguindo para o darwinismo social de Herbert Spencer. Também abordamos as teorias da eugenia, de Francis Galton, o monogenismo, a perfectibilidade, o poligenismo e a frenologia, buscando dialogar com os alunos para entender o nível de compreensão da temática por parte dos estudantes.

A finalização da exposição oral se deu pela integração das teorias raciais abordadas com o conteúdo programático sobre o nazifascismo, a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, dialogando com o tema que os alunos vinham estudando nas suas últimas aulas. Além disso, a permanência de muitos dos paradigmas raciais na sociedade atual foi explicitada através da exposição de manchetes e posts de veículos de imprensa na internet, carregados com conotações racistas. Os alunos, nesse momento, não apenas identificaram essas questões como também foram instigados a pensar possíveis reestruturações das manchetes, quando possível.

Na mesma toada, o terceiro momento da atividade foi composto pela organização dos estudantes em duplas, com cada uma recebendo uma frase impressa preparada anteriormente. Todas possuíam algum teor preconceituoso, desde racismo até xenofobia, sexismo, homofobia

e transfobia. A partir disso, cada dupla deveria identificar o preconceito em questão, descrever quais grupos sociais estão sujeitos a ele e discorrer sobre porque as frases postas eram, necessariamente, preconceituosas e ofensivas.

Apesar de algumas dificuldades e duplas que necessitam de ajuda para a interpretação das frases, toda a turma demonstrou tato e sensibilidade na abordagem dos assuntos, trazendo experiências pessoais e relatos de suas vivências próprias em relação a muitos dos preconceitos abordados. Todos os pontos salientados foram percorridos pelos alunos em suas reflexões, com muitos indo além e questionando a própria existência e permanência dos pensamentos perpetuados nas frases. Um exemplo seria o da dupla que, confrontada com a frase “Isso é coisa de nordestino”, explicitou como as diferenças econômicas entre as regiões do Brasil ocasionam preconceitos a partir de uma hierarquização de atividades econômicas em detrimento das predominantes no Nordeste e no Norte.

Em suma, identificamos diversos aproveitamentos durante o exercício das atividades. Através da introdução dos conceitos científicos atuais de raça e etnia somente após os alunos terem colocado e exposto suas próprias definições sobre o assunto, esperamos ter demonstrado de maneira implícita aos próprios estudantes o valor de suas bagagens culturais e de suas contribuições para o constante processo de construção dos conhecimentos em sala de aula, algo tido como essencial não apenas pelo princípio pedagógico, mas também pelo contexto específico da sala de aula em questão, com alunos dizendo frases como “Não importa o que eu respondo, eu sou burra mesmo” em momentos anteriores.

Além disso, sendo o Colégio Linda S. Bacila uma instituição de ensino pública localizada na periferia do Jardim Monte Carlo em Ponta Grossa, reconhecemos a importância de se trabalhar temas sobre diversidade étnica e sobre os processos históricos de opressão racial nesse ambiente, assuntos que, muitas vezes, acabam perdendo importância nas narrativas locais devido ao habitual - e errôneo - discurso sobre o Paraná como um estado “branco e europeu”. Tal visão é rapidamente questionada em um ambiente extremamente diverso como o do colégio, demonstrando a importância de diferentes perspectivas durante o processo de aprendizado para condizer com a realidade dos alunos e com suas identidades próprias, que muitas vezes não são contempladas em ambientes externos.

Por fim, vemos na experiência apresentada uma exemplificação da necessidade constante de incentivos pedagógicos ao envolvimento dos alunos no processo de construção de saberes escolares, não apenas fundamentando o ensino na sala de aula, mas também constituindo parte essencial de suas formações como cidadãos capazes de tomar parte nos debates raciais que compõem o cerne da diversa e múltipla realidade brasileira.

**Palavras-chave:** Teorias raciais, Racismo científico, Preconceito em sala de aula, Nazismo, Holocausto.

## REFERÊNCIAS

BETHENCOURT, F. **Racismos:** Das Cruzadas ao século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOYD, R.; SILK, J. B. **How Humans Evolved.** 8ª ed. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2018.

PEOPLES, J.; BAILEY, G. **Humanity:** an Introduction to Cultural Anthropology. 9ª ed. Belmont: Wadsworth, 2012.